

SÉRIE V . VOLUME 4/5

O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA
IMPrensa NACIONAL

LISBOA, 2014-2015

Fragmento de inscrição islâmica de Silves

Fragment of a Silves islamic inscription

CARMEN BARCELÓ TORRES*, MÁRIO VARELA GOMES**

RESUMO

Dá-se a conhecer fragmento de lápide funerária, de grés vermelho, escrita em letra cúfica incisa, atribuída ao período dos primeiros reinos de taifas (século XI). Encontrada em Silves, destituída de contexto arqueológico, refere indivíduo que tinha a função de fazer a prédica das sextas-feiras em uma das mesquitas da cidade.

Palavras-chave: Lápide funerária – Período islâmico – Silves – Gharb al-Andalus

ABSTRACT

This article is about a fragment of Arabic gravestone incised on red sandstone with Cufic letters. It was found at Silves (Algarve, Portugal), deprived of any archaeological context. The remaining text seems to mention an individual who was in charge of performing the Friday's sermon in one of the city mosques. A chronology of the first Taifa period (11th century) can be proposed for this epitaph.

Keywords: Gravestone – Islamic Period – Silves – Gharb al-Andalus

* Docente do Departamento de Filologia Catalana da Faculdade de Filologia, da Universidade de Valência, Av. de Blasco Ibáñez 32, 46010 Valencia, España, *E-mail*: carme.barcelo@uv.es.

** Docente do Departamento de História da F. C. S. H. da Universidade Nova de Lisboa. Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Avenida de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, Portugal. *E-mail*: mv.gomes@fcsh.unl.pt.

1. DESCOBERTA

Quando da edificação do Museu Municipal de Arqueologia de Silves, inaugurado em 1990, foi necessário proceder a pequenos restauros no Poço-Cisterna que constitui a principal peça do acervo daquele, hoje classificado como monumento nacional, como no sector da muralha da medina que ali existe (Gomes e Gomes, 1989; Gomes, 2006, p. 29-54). Para tal utilizaram-se blocos de arenito local, procedentes de demolições na área urbana da cidade, tendo surgido entre eles o fragmento de inscrição agora estudado e que se expõe no museu anteriormente referido (fig. 1).

2. SUPORTE

Trata-se de bloco, de arenito vermelho ou grés de Silves, com forma quase paralelepípedica, possuindo face plana regularizada por boiardagem e polimento, onde se descobrem restos de quatro linhas de texto em árabe (fig. 2).

Mede 0,155 m de altura, 0,140 m de largura e 0,070 m de espessura máxima.

A superfície epigrafada, de contorno trapezoidal, tem 0,125 m de altura por 0,115 m de largura.

3. DESCRIÇÃO

A inscrição que damos a conhecer pertenceu ao ângulo superior direito de lápide funerária de forma retangular, com dimensões afins de epitáfios do al-Andalus (Barceló, 1998, p. 57-63).

O alfabeto árabe das letras utilizadas para constituir a epígrafe corresponde ao estilo cúfico simples. As letras gravaram-se em vazio, com algum artefacto metálico

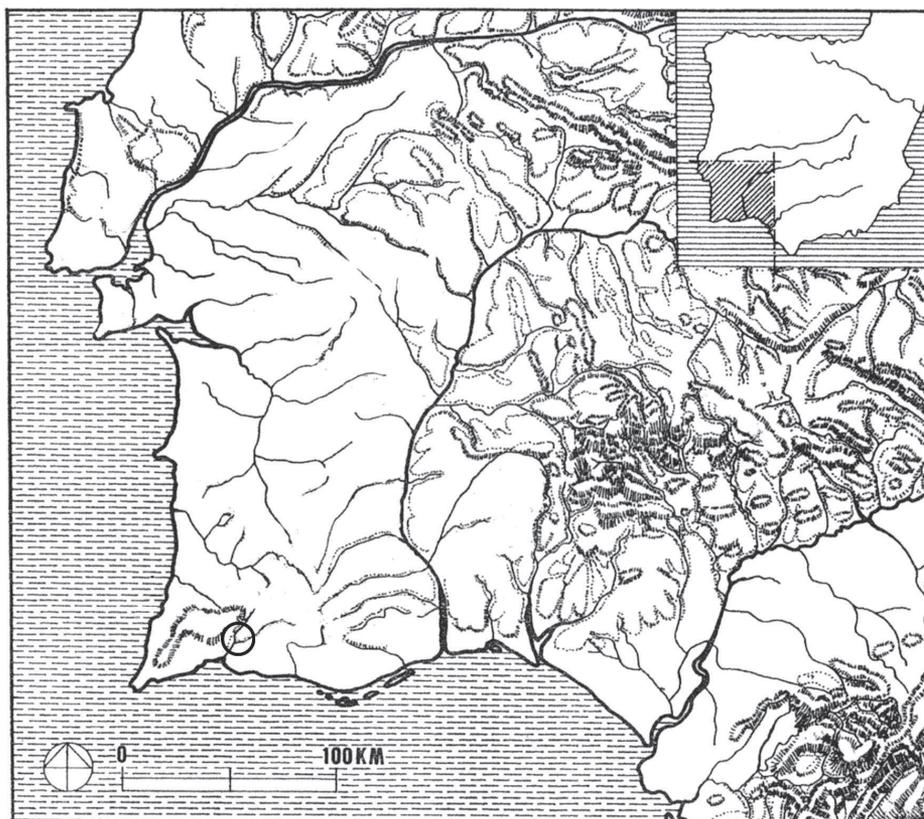


Fig. 1 – O sul de Portugal, com localização de Silves.



Fig. 2 – Fragmento de estela de Silves (foto M. V. Gomes, 2015).

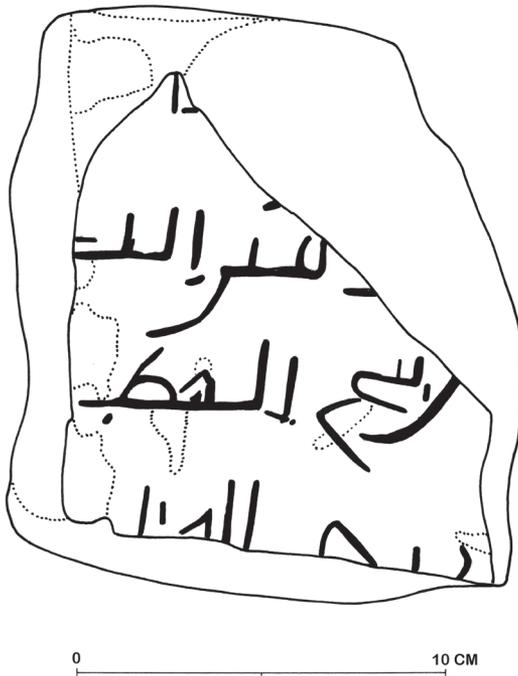


Fig. 3 – Decalque da epigrafe da estela de Silves (seg. M. V. Gomes, 2015).

de ponta fina e, ao que parece, regularizou-se depois a superfície da pedra através de polimento. As linhas encontram-se bem separadas e os espaços entre elas mantêm-se constantes e iguais, à distância de 0,035 m entre si; aspeto que reflete os usos andaluzes para este tipo de lápides, pois mantém a típica entrelinha de 0,03 m adotada no califado de al-Hakam II (Barceló, 2004a, p. 177) (fig. 3).

O pouco que se conserva da primeira linha situa-se à esquerda do fragmento e junto ao bordo superior da estela. É um pequeno setor triangular em cujo espaço, de apenas 0,01 m de lado, se observa a base do traço que forma o signo 15f e restos do que poderia ser a letra *alif*.

A primeira e a quarta linhas surgem truncadas no sentido horizontal e perderam porção bastante grande do espaço que continha as suas letras. As linhas segunda, terceira e

quarta conservam restos de signos de pontuação diacrítica, além de um traço diminuto na parte inferior da segunda linha, que poderia ser signo vocálico, a menos que se trate de pequeno golpe fortuito, como outros que se observam sobre a superfície epigrafada, alterada por vários daqueles pequenos sinais.

Apesar da restituição que se propõe para a primeira linha ser hipotética, pois somente conserva restos de dois signos, resulta quase segura porque se trata de fórmula inicial comum em epitáfios do al-Andalus de todas as épocas. Tal argumento isolado não permite descartar a possibilidade de que o epitáfio contivesse texto mais extenso, conforme acontece em estelas funerárias da segunda metade do século XI e dos séculos XII e XIII, sob os governos almorávidas e almóadas (Barceló, 1990, p. 44, 45; 1998, p. 79, 84).

Também foi possível restituir o texto da terceira linha, que inclui piedosa jaculatória a favor do defunto. Esta exclamação conclui-se na quarta linha. A reconstrução deste texto permite também determinar a amplitude ou largura do campo epigráfico, o que pelo menos garante que no primeiro trecho da escrita só se pôde gravar uma *basmala* completa (fig. 4). No que respeita às dimensões desta lápide, como os hipotéticos textos restaurados na primeira e terceira linhas permitem deduzir, a largura aproximada que pôde ter a estela gravada, quando completa, calculou-se em cerca de 0,30 m. Tratar-se-ia de formato padronizado para as estelas de tamanho médio. Esta medida tem paralelos em outras áreas

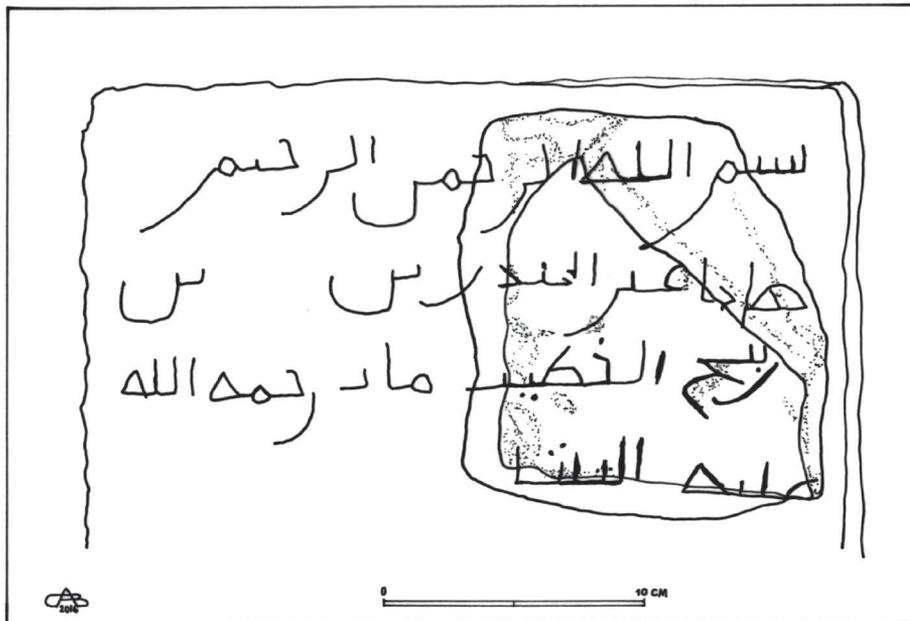


Fig. 4 – Restituição gráfica da estela de Silves (seg. C. Barceló, 2016).

peninsulares, portuguesas e espanholas, pois é o módulo métrico que se relacionou com outro habitual no mundo islâmico medieval, especificamente o *dirā'* ou cúbito, de 0,60 m (Barceló, 1998, p. 66, 67).

4. O TEXTO

Apesar de ter ocorrido perda considerável do material do suporte nos lados esquerdo e inferior, direito e esquerdo, não resulta muito arriscado tratar de recuperar quase todo o texto epigrafado das quatro linhas, a partir de restos de escrita conservados. Propomos o seguinte texto em árabe:

- 1 . [بسم اللّٰه ا لرحمن الرحيم]
- 2 . [هاذ ا قبر المنذ ر بن ... بن]
- 3 . [ربيع الخطيب] مات رحمة الله [
- 4 . [ع] عليه الثلثاء ماء]

Tradução:

(1) [Em nome de Deus, o [Clemente e Misericordioso] / (2) [Este é o túmulo de al-Mundīr filho de ... filho de] / (3) *Rabiḥ* (ou *Rubayḥ*) *al-Ḥaṭīb* [Morreu – a misericórdia de Deus] / (4) *seja sobre ele! – em terça-feira [...]*

A partir da edição do texto em árabe podemos afirmar que estamos perante estela funerária que assinalava o túmulo de indivíduo de que não consta o nome

completo por ter desaparecido parte da lápide. Este facto sucede com frequência com epitáfios de época islâmica da Península Ibérica. A quebra de estelas, para uso ulterior dos seus fragmentos como material de construção, conduziu a que em muitas das partes conservadas falte o nome do defunto, pelo que não é possível fazer conjecturas acerca da sua trajetória de vida.

Os signos da primeira linha, onde só se pôde gravar uma *basmala* completa, permitem a datação da lápide em data anterior ao ano 1095, quando se documenta pela primeira vez, em todo o al-Andalus, o uso, depois da *basmala*, da *tašliya* pelo profeta Maomé que, no formato mais simples, diz: «A oração e a paz de Deus sejam sobre Maomé» (Barceló, 1990, p. 45).

É segura a presença na lápide do enunciado *hāda qabr*, «este é o túmulo de», que desde os tempos do Califado se converteu na quase obrigatória citação gravada na segunda linha (62% dos casos segundo C. Barceló, 2004a, p. 179), imediatamente depois da jaculatória de introdução ou *basmala* nas estelas gravadas em ambientes urbanos (Barceló, 1990, p. 46).

Quanto à reconstrução e leitura do onomástico al-Mundir, baseámo-nos nos restos de grafemas que conserva a inscrição. A única anomalia digna de menção nesse *ductus* é o tamanho diminuto que o gravador deu à letra *mīm* quando a uniu ao artigo; uma das muitas pancadas que recebeu o fragmento apagou parcialmente este signo.

Apesar da jaculatória mais abundante no al-Andalus a favor de um defunto seja «Deus tenha misericórdia dele», a variante utilizada neste epitáfio de Silves, «a misericórdia de Deus seja sobre ele», é uma súplica dedicada ao falecido de uso também muito frequente e ambas documentam-se no ocidente do al-Andalus em todos os tempos (Barceló, 1990, p. 46; 1998, p. 80).

Restituímos *māta* (morreu), que pode ser o verbo que assinala o óbito (fig. 4). Esta decisão baseia-se no espaço concedido à largura da estela primitiva, porque nela não há lugar para o incluir na terceira linha, além da jaculatória dedicada ao falecido (que é segura), os quatro signos da grafia *tuwuffiyya* do sinónimo «morreu», mais frequente nas estelas andaluzas (Barceló, 1998, p. 80). Apenas três lápides funerárias utilizam *māta*, das quais duas são califais e da parte oriental da Península Ibérica e só uma corresponde ao século XI (1045) e à zona pacense (Barceló, 1990, p. 48).

Quanto ao dia da semana, os diacríticos da letra (*tā*) da voz árabe *al-tulaṭā* (terça-feira) veem-se duas vezes – apesar de muito deteriorados – no extremo esquerdo da quarta linha. Embora não seja um caso muito frequente, há exemplos do uso isolado do dia, sem que este seja precedido da voz «noturno», «diurno» ou da hora. Apesar de ser a parte da inscrição que apresenta maior incerteza, quando se trabalha com a reconstrução hipotética do formulário de um epitáfio fragmentado (Barceló, 1998, p. 80), neste caso não há nenhuma dúvida de que o dia da semana de que se trata é terça-feira, embora a voz árabe possa ser terminada com vogal larga ou com mor-



Fig. 5 – Fragmento de lápide sepulcral, de Silves (seg. M. V. Gomes) (Gomes, 2011, p. 351, fig. 2.18).

fema do feminino, conforme se vê escrita em outras estelas do al-Andalus e mesmo de Silves (Barceló e Labarta, 1994a, p. 234) (fig. 5).

5. COMENTÁRIO EPIGRÁFICO

O nome identificado no início da terceira linha tanto pode interpretar-se Rabīḥ como a sua forma diminutiva Rubayḥ, pois tal permitem os traços conservados na lápide e ambos são onomásticos usados entre andaluzes, como registam as fontes biográficas conservadas e coloca em evidência o topónimo espanhol Calatrava (*Qal'at Rabah*). Contudo, foi impossível determinar quem foram estes indivíduos, já que as fontes árabes medievais são muito limitadas no que se refere a dados para proceder à identificação de pessoas.

Apesar do nome al-Mundir ser leitura hipotética, na estela de Silves conservou-se um dado relevante, já que o falecido era filho ou neto de homem que tinha exercido como *ḥaṭīb* em algumas das mesquitas da cidade. Quer dizer, o defunto era pessoa aparentada com especialistas na lei islâmica e um dos seus antepassados, ou ele próprio, foi nomeado para encarregar-se de pronunciar o sermão de sexta-feira, que no Islão tem carácter político-religioso. Os nomes do defunto e do seu pai estão incompletos, comparada a estrutura que se observa no epitáfio de Silves com os textos funerários andaluzes conhecidos, detetam-se coincidências que permitem situar aquele em área urbana e datar a data da morte, de quem nele se refere, no período dos reinos das primeiras taifas, ou seja, na quinta centúria da

Hégira (400-499), que coincide com o século XI cristão. Para esta cronologia aponta também o tamanho proposto para a peça.

É evidente que não se poderá averiguar o contexto arqueológico em que foi encontrada a lápide em apreço que, sem qualquer dúvida, se fragmentou para usar os seus pedaços na construção ou reparação de estrutura de alguma casa da cidade de Silves, em período que também desconhecemos. Todavia, o fragmento reúne suficientes coincidências com epitáfios do al-Andalus aparecidos em contexto urbano cujas características comuns são:

- utilização de pedra local; no presente caso arenito da zona, conhecido como grés vermelho de Silves;
- campo epigráfico que ocupa a metade superior do suporte, embora só possamos suspeitar de tal, já que o protocolo textual se encontra muito fragmentado;
- estrutura do texto epigráfico igual à usada em zonas urbanas (Barceló, 1990, p. 44-50; 1998, p. 82-84);
- uso da letra cúfica simples, incisa, do tipo anguloso e com pontos diacríticos, característica que, com outras tipológicas externas, assemelham esta lápide a exemplares descobertos e conservados em Portugal, correspondentes ao período das primeiras taifas.

6. PARALELOS

O fragmento de epitáfio encontrado em Silves guarda semelhanças com outras peças com textos incisos da região ocidental andaluza, do período dos reinos das primeiras taifas, na segunda metade do século XI. Nesta época as terras do sul de Portugal repartiam-se entre os dois poderosos governos, o dos abádidas de Sevilha e o dos aftásidas de Badajoz.

No que respeita à taifa de Sevilha (Labarta, 2015, p. 214), apenas se conhecem quatro epitáfios deste período, gravados em negativo¹: uma lápide em nome de Ḥasan ibn Sa'īd (m. 407 H/1016-1017) que guarda o Museu Arqueológico de Faro (n.º inv. 500), ao que parece achada em 1968 (Velho, 1970), no sítio das Pontes, freguesia de Salir (Loulé, Faro), com inscrição gravada sobre grés vermelho de Silves (Barceló e Labarta, 1994; Borges, 1998, p. 236, n.º 286)²; uma estela fragmentada em nome de 'Abd Allāh al-Adīb (m. [4]60 H/1067), conservada igualmente no Museu Arqueológico de Faro (n.º inv. 502) e encontrada em Odeleite (Castro Marim, Faro), em 1896 (Labarta e Barceló, 1987, p. 404, n.º 11; Borges, 1998, p. 243, n.º 295); uma lápide em nome de Ibrāhīm bn 'Abd al-Malik

¹ Para cada peça citada, a partir deste momento, remetemos para a bibliografia mais recente ou significativa; nela se encontrarão as referências a outros estudos mais antigos.

² A primeira edição do nome foi Muḥammad; na segunda vez não se editou. Há que interpretar Ḥasan.

(m. 471 H/1071), encontrada *in situ* na necrópole do ribāt da Arrifana (Aljezur) (Barceló, Gomes e Gomes, 2011; 2013, p. 309-315); e um fragmento de lápide funerária, sem nome nem data, aparecido em Silves, que se guardava no Museu Arqueológico de Faro mas, ao que parece, atualmente desaparecido (Labarta e Barceló, 1987, p. 417, n.º 39).

Nas terras da taifa de Badajoz (Labarta, 2015, p. 214, 215), cujos governantes controlavam, no atual território português, desde Lisboa até Mértola, encontraram-se, pelo menos, quinze epitáfios com inscrições em letra cúfica, gravadas em negativo: duas procedem de Trujillo, uma tem o nome de Aḥmad bn Sulaymān que morreu mártir em 408 H/1017 (Díaz Esteban, 1987, p. 178), e outra de um tal 'Alī bn Šakus, do ano 445 H/1053 (Díaz Esteban, 1987, p. 179); outro decerto Muḥammad (m. 449 H/1058) foi achado em Alcácer do Sal (Barceló e Labarta, 1987, p. 242); a estela de Muḥammad bn Ḥalīfa (m. 464 H/1071 ou 484 H/1091), com elegia funerária (Barceló, 2000, p. 128) que se guarda na Messejana (Aljustrel, Beja) em coleção privada (Borges, 1998, p. 239, n.º 289), outro, com o nome de Ḥalaf bn Qāsim (m. 473 H/1080), aparecida em Noudar (Barrancos, Beja) e na coleção do Museu de Barrancos (Borges, 1993, p. 215-217; 1998, p. 238, n.º 288); a estela de um filho de 'Amrūn (m. 475 H/1082), conservada em Cáceres (Rosselló Bordoy, 1978, n.º 1); o epitáfio de Ibrāhīm bn Aḥmad bn Ibrāhīm (m. 481 H/1088) procedente de Albalat (Romangordo, Cáceres), de que só existe desenho (Ocaña, 1945, pp. 304-395); um fragmento de lápide, sem nome, encontrado no Castillo del Cuerno (Fuentes de León, Badajoz), com data de 484 H/1091 (Martínez Núñez, 2013, n.º 4, 7); a lápide sem nome (m. 486 H/1093) descoberta por Abel Viana nos trabalhos a que procedeu de 1955 a 1959, na antiga Marachique (Castro da Cola, Ourique, Beja), agora no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa (sala 2, inv. esc. 227) (Labarta e Barceló, 1987, p. 413, n.º 30; Borges, 1998, p. 240, n.º 290); dois fragmentos encontrados em 1933 em Ourique (Beja) e hoje no Museu Municipal de Santiago de Cacém (Setúbal), sem nome do defunto, um com restos do mês e ano [4]90 H/dezembro 1096 (Labarta e Barceló, 1987a, p. 482, 483, n.º A) e o outro sem data (Labarta e Barceló, 1987, n.º 32; 1987a; Borges, 1998, n.º 294); fragmento do epitáfio de Ibn Mūsā, sem data, achado em Noudar e conservado no Museu Municipal de Barrancos (Borges, 1993, p. 215-217; 1998, p. 242, n.º 293); fragmento, de mármore, com seis linhas de cúfico inciso, sem nome, achado na Serra de São Mamede (Marvão), contendo restos da data 4[xx], quer dizer, século XI (Mendes e Borges, 1991); fragmento com o nome do alfaquí Walīd bn Idrīs, com pontos diacríticos e sem data, encontrada em Logrosán (Badajoz) (Pérez, 1992, p. 167); lápide funerária romana reutilizada para gravar o epitáfio de Ḥalaf bn 'Amr, sem data, encontrada em Trujillo (Cáceres) (Díaz Esteban, 1987, p. 181).

Entre o conjunto de peças deste período, os caracteres cúficos da estela de Silves, agora dada a conhecer, guardam maiores similitudes com os daquelas ins-

crições datadas depois do ano 450 H e antes do final do século XI (Ocaña, 1983, fig. 3, 11); já demos informação de algumas encontradas em áreas rurais (Barceló, Gomes e Gomes, 2011, p. 153, 154). Assim, é comum naquelas a rigidez na união dos nexos, que se realiza através de traços horizontais retos. Este aspeto não ocorre nas epígrafes em relevo porque, como é bem sabido, para conectar os signos introduz-se união de traço semicurvo, executada na parte inferior da linha, desde princípios do século X.

Na epígrafe estudada, o traço da letra *mīm* árabe adquiriu já um apêndice que se prolonga quase dois centímetros na direção da linha inferior, podendo ver-se o pequeno resto desta letra – presente no início da *basmla* – conservado sobre o *bā'* da palavra *qabr* da segunda linha. Este desenho coincide com outros da mesma fórmula que se observam na lápide de Noudar (Barrancos), de 473 H/1080 (Borges, 1998, p. 238, n.º 288) ou no fragmento de epitáfio reutilizado na muralha almóada do Castillo del Cuerno (Fuentes de León) de 484 H/1091 (Martínez Núñez, 2013, n.º 4, 7). Este aspeto será já constante nas epígrafes da etapa almorávida.

Com respeito às dimensões da lápide de Silves, podem citar-se, sem sairmos do sul de Portugal, dois exemplares como paralelos, cujas larguras oscilam em redor dos 0,30 m. Um é a lápide datada de 407 H/1017, que se encontra no Museu de Faro (n.º inv. 500), cujas medidas são 0,34 m de altura, 0,26 m de largura e 0,13 m de espessura máxima (Barceló e Labarta, 1994, p. 237). O outro é a estela que guarda o Museu de Beja, de um homem falecido em 531 H/1136, que mede 0,45 m de altura, 0,30 m de largura e 0,11 m de espessura (Labarta e Barceló, 1987, p. 401, n.º 4). Trata-se de tamanho de tipo padrão, cujas dimensões têm também paralelos em outros pontos da Península Ibérica. O formato retangular vertical deve medir três quartos do cúbito de altura por dois quartos do cúbito de largura, quer dizer 0,45 m por 0,30 m (Barceló, 1998, p. 68). Não obstante, quando o defunto era uma criança, o formato poderia ser menor, pois em casos comprovados, o retângulo é quase um quadrado que pode medir, por exemplo, 0,30 m por 0,26 m (Barceló, 2014, p. 132). Também não podemos pôr de parte a possibilidade de que a lápide de Silves corresponda a epitáfio de criança.

7. CONCLUSÕES

O texto árabe funerário que se dá a conhecer encontra-se corretamente escrito e tem a particularidade de oferecer, por se ter conservado, pontos diacríticos em algumas palavras, como al-Mundir, Rabih, al-Ḥaṭī[b], al-tulat[ā']. Este aspeto atribui-se geralmente à escrita cursiva sem qualquer argumento que o sustente, pois basta recordar multitudes de exemplos de antigos corões que exibem pontuação diacrítica na letra cúfica, tendo-se assinalado que no al-Andalus os diacríticos surgem em estelas funerárias com epigrafia cúfica incisa durante o governo do

califa al-Hakam II (Barceló, 2004a, p. 187). Em inscrições do século XI do ocidente do al-Andalus, pelo menos três exemplares das já citadas conservam esta característica: Messejana (464/1071 ou 484/1091), Albalat (481/1088) e Logrosán (sem data expressa).

A peça agora estudada constitui um novo elemento que ilustra período da cidade islâmica de Silves, anexada, com outros territórios do atual sul de Portugal, à taifa sevilhana dos abádidas no ano de 455 H/1054. É evidente que não se pôde averiguar o contexto arqueológico em que esteve inserida, possivelmente encontrada em algum dos cemitérios da cidade. Estes deveriam situar-se entre os arrabaldes e próximos das portas da muralha da medina. Em Silves conhecem-se, pelo menos, três antigas entradas naquele espaço: a Porta do Sol (*bāb al-Šams*), a Porta da Azóia (*bāb al-Zāwiya*) e a Porta da Cidade (*bāb al-Balad*), hoje Porta da Medina ou de Loulé (Gomes, 2002, p. 105-107; Gomes, 2006, p. 7-29).

Até ao presente documentaram-se três zonas cemiteriais em Silves. Uma foi identificada perto do rio Arade, ao abrir-se estrada nos anos 50 do século passado e ao realizarem-se trabalhos para a implantação de laranjal nas proximidades. Encontraram-se então algumas sepulturas, uma «mão de Fátima» (Gomes, 2002, p. 115-117; 2011, p. 351) e inscrição (Barceló e Labarta, 1994). As necrópoles identificadas recentemente situam-se na Rua 25 de Abril, no exterior da medina e perto da Porta de Loulé, e na Rua da Misericórdia, intramuros, a poente da Sé, mas conhecendo-se apenas informação genérica sobre tais testemunhos (Santos, Barbosa e Ramos, 2008, p. 419, 426-429).

Embora o nome al-Mundir seja uma leitura hipotética, na estela de Silves conservou-se dado relevante ao indicar-se que o falecido era filho ou neto de um homem que tinha exercido como *ḥaṭṭib* em alguma das mesquitas da cidade. Quer dizer-se, o defunto era indivíduo aparentado com especialistas na lei islâmica e um dos seus antepassados, ou ele próprio, foi nomeado para encarregar-se de pronunciar o sermão das sextas-feiras, que no Islão tem carácter político-religioso.

BIBLIOGRAFIA

- BARCELÓ, C. (1990) – Estructura textual de los epitafios andalusíes (siglos IX-XIII). In *Homenaje a Manuel Ocaña Jiménez*. Córdoba: Diputación Provincial de Córdoba. p. 41-54.
- BARCELÓ, C. (1998) – *La Escritura Árabe en el País Valenciano. I. Inscripciones Monumentales*. Valencia: Universidad de Valencia. 254 p.
- BARCELÓ, C. (2000) – Poesía y Epigrafía. Epitafios islámicos con treno o elegía desde Dahlak a Almería. *Anaquel de Estudios Árabes*. Madrid. 11, p. 123-144.
- BARCELÓ, C. (2004) – Los escritos árabes de la Rábida de Guardamar. In AZUIAR, R., coord. – *Fouilles de la Rábida de Guardamar I. El ribāṭ califal. Excavaciones e investigaciones (1984-1992)*. Madrid: Casa de Velázquez. p. 131-145
- BARCELÓ, C. (2004a) – El cúfico andalusí de provincias durante el califato (300-403/912-1013).

- Cuadernos de Madīnat al-Zahrā'. Córdoba. 5, p. 173-197.
- BARCELÓ, C. (2014) – Epitaph of an Āmirī (Córdoba 374 H /985 CE). *Journal of Islamic Archaeology*. Bonn. 1:2, p. 121-142.
- BARCELÓ, C.; LABARTA, A. (1987) – Dos inscripciones árabes halladas en Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 239-243.
- BARCELÓ, C.; LABARTA, A. (1994) – Epitafio árabe del Museo de Faro (Portugal). *Al-Qanṭara*. Madrid. 15:1, p. 237-239.
- BARCELÓ, C.; LABARTA, A. (1994a) – La lápida árabe del Museo de Silves. *Al-Qanṭara*. Madrid. 15:1, p. 233-235.
- BARCELÓ, C.; GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2011) – Estela funerária epigrafada, do ribāt da Arrifana (Aljezur). In *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências. p. 147-156.
- BARCELÓ, C.; GOMES, R. V.; GOMES, M. V. (2013) – Lápides islâmicas da necrópole do Ribāt da Arrifana (Aljezur). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 3, p. 305-323.
- BORGES, A. G. M. (1993) – Incrições árabes de Noudar. *Arqueologia Medieval*. Mértola. 2, p. 215-217.
- BORGES, A. G. M. (1998) – Epigrafia árabe no Gharb. In *Portugal Islâmico. Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 227-255.
- DÍAZ ESTEBAN, F. (1987) – Dos nuevas inscripciones árabes de Trujillo y relectura de una tercera. In *Homenaje al Prof. Darío Cabanelas Rodríguez, O. F. M., con motivo de su LXX aniversario*. Granada: Universidad de Granada. Vol. II, p. 171-181.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1989) – O poço-cisterna, almoada, de Silves (Algarve, Portugal). In *El Agua en zonas áridas: Arqueología e Historia. Coloquio de Historia y Medio Físico, 1, Almería, 1989*. Almería: Instituto de Estudios Almerienses. p. 577-595.
- GOMES, R. V. (2002) – Silves Islâmica. In *O Mediterrâneo Ocidental: Identidades e fronteira*. Lisboa: Edições Colibri. p. 93-118.
- GOMES, R. V. (2006) – *Silves (Xelb). Uma Cidade do Gharb al-Andalus: O núcleo urbano*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 44).
- GOMES, R. V. (2011) – *Silves (Xelb). Uma Cidade do Gharb al-Andalus: A Zona da Arrochela, Espaços e Quotidianos*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. (Trabalhos de Arqueologia; 53).
- LABARTA, A. (2015) – Epigrafía árabe sobre piedra en el Garb al-Andalus. In MALPICA, A.; SARR, B., ed. lit. – *Epigrafía árabe y Arqueología medieval*. Granada: Alhulia. p. 205-238.
- LABARTA, A.; BARCELÓ, C. (1987) – Incripciones árabes portuguesas: situación actual. *Al-Qanṭara*. Madrid. 8, p. 395-420.
- LABARTA, A.; BARCELÓ, C. (1987a) – Lápidas árabes en el Museo de Santiago de Cacém (Portugal). *Al-Qanṭara*. Madrid. 8, p. 481-484.
- MARTÍNEZ NÚÑEZ, M. A. (2013) – *Epigrafía árabe del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz*. Badajoz: Junta de Extremadura.
- MENDES, A. J. S. C.; BORGES, A. G. M. (1991) – A lápide árabe da Serra de S. Mamede. *Ibn Maruán. Revista Cultural do concelho de Marvão*. Marvão. 1, p. 59-65.
- OCAÑA, M. (1945) – Dos epitafios hispanomusulmanes de Albalat (Cáceres). *Al-Andalus*. Madrid. 10:2, p. 393-395.
- OCAÑA, M. (1983) – La epigrafía hispano-árabe durante el periodo de taifas y almorávides. In *Coloquio hispano-tunecino, 4, Palma de Mallorca, 1979*. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura. p. 197-204.
- PÉREZ, M. A. (1992) – Incripciones hispanoárabes de Mérida y Logrosán. *Anaquel de Estudios Árabes*. Madrid. 3, p. 163-169.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1978) – Lápidas árabes de Cáceres y Orihuela. *Mayurqa*. Mallorca. 17, p. 39-46.
- SANTOS, C. L. dos; BARBOSA, C. S.; RAMOS, S. (2008) – Contributo da antropologia biológica para a história de Silves: resultados das intervenções arqueológicas durante o Programa Polis (2004-2006). *Xelb*. Silves. 8, p. 417-430.